

## Os provérbios na obra de Tomás de Aquino

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta provérbios citados por Tomás de Aquino e discute o papel dos provérbios em sua obra.

**Palavras Chave:** Provérbios. Tomás de Aquino. Virtude da Prudência.

**Abstract:** This article presents some proverbs quoted by Thomas Aquinas and discusses the role of proverb in his thought.

**Keywords:** Aquinas –Proverbs–Prudence.

*Proverbium proprie dicitur quod communiter est in ore  
omnium* (Tomás de Aquino, *Super Io.* 16, 7).

Tomás de Aquino é - embora não seja um fato muito conhecido - um pensador voltado para o concreto e que, como nenhum outro, valoriza o conhecimento comum, do povo<sup>2</sup>. Não é de estranhar, pois, que, ao longo de sua obra, encontremos provérbios. Acompanhando argumentações sobre as mais variadas teses - e, como era de esperar, sobretudo nos tratados de Ética -, deparemos com provérbios, populares e literários<sup>3</sup>.

É natural que haja afinidade com provérbios nesse filosofar, em que o centro da vida moral é ocupado pela virtude da *prudentia*: a arte de decidir de acordo com o reto conhecimento da realidade e do homem. Os provérbios - enquanto condensação da experiência - informam principalmente a dimensão cognoscitiva da *prudentia*. Nesse sentido, devemos retomar algumas considerações<sup>4</sup> sobre o papel da experiência para a *prudentia* e duas de suas "partes": a *memoria* e a *docilitas*.

Antes de mais nada, lembremos que a *prudentia* versa sobre ações contingentes (II-II, 49, passim). E já que o homem não pode reger-se por verdades necessárias, deve ele guiar-se somente pelo que acontece *in pluribus* (geralmente) (II-II, 49, 1).

Recordemos também que "a prudência não é inata em nós; ela procede da educação e da experiência"<sup>5</sup>. E, prossegue Tomás, uma vez que a prudência versa sobre o contingente, é pela experiência (*per experimentum*) que deve o prudente guiar-

---

<sup>1</sup>. Prof. Titular Sênior da FEUSP e dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo. jeanlaua@usp.br

<sup>2</sup>. Este voltar-se de Tomás para o conhecimento comum é discutido em nosso *Tomás de Aquino hoje*, Curitiba, PUC-PR, 1993.

<sup>3</sup>. Alguns dos provérbios na obra de Tomás são tomados a outros autores (máxime Aristóteles) e outros são populares ("*sicut dicitur in proverbio vulgari...*", "*alludit proverbio vulgari...*" "*ut proverbium vulgare concordat...*" etc.).

<sup>4</sup>. Mais extensamente analisadas em nosso "*Educação Moral e Provérbios - Os Amthal Árabes - A filosofia da educação para a Prudentia de Tomás de Aquino e a Pedagogia do mathal*", tese de livre-docência, FEUSP, 1995.

<sup>5</sup>. *Ergo prudentia non inest nobis a natura sed ex doctrina et experimento* (II-II,47,15, sed contra).

se, pois "a virtude intelectual origina-se e desenvolve-se com a experiência e com o tempo".

Mas a experiência, por sua vez, não é senão memória acumulada... Em seu artigo sobre a *memoria* (parte *quasi* integral da *prudentia*), Tomás formula uma aparente objeção: a memória não pode ser parte da prudência, pelo fato tão simples de que a prudência é para o "agível" (*operabile*) do futuro, enquanto a memória é do passado. Na resposta a esta objeção (II-II, 49, 1 ad 3), Tomás estabelece a ligação entre passado e futuro, entre experiência e decisão de ação:

É mister tomar do passado argumentos para o futuro. E assim, a memória do passado é necessária para bem aconselharmo-nos sobre o futuro.

Se a *memoria* é a fidelidade à objetividade do passado, a *docilitas* (outra parte da *prudentia*) volta-se para a percepção objetiva da realidade presente. Daí que em II-II, 49, 3, examinando a *docilitas*, Tomás afirma a necessidade de uma disposição de abertura e acolhimento para aprender, a que se opõe a auto-suficiência e a indiferença negligente (ad 2). O Aquinate, sempre lembrando que a prudência tem por objeto ações particulares e que estas se dão em diversidade praticamente infinita (*quasi infinitae diversitates*), conclui que, para a prudência, não pode um indivíduo sozinho, em pouco tempo, considerá-las todas. Daí decorre sua prescrição de toda uma pedagogia dos provérbios:

É necessário considerar atentamente (*attendere*) as opiniões e sentenças (mesmo não demonstradas) dos anciãos e dos mais experientes, não menos do que as verdades demonstradas, pois, pela experiência, eles penetram nos princípios.

Não é de estranhar, portanto, que se encontrem frequentemente na obra de Tomás, expressões ainda hoje tão populares como: "uma andorinha só não faz verão", "pôr a mão no fogo" etc.

Apresentamos, a seguir, uma enumeração completa dos provérbios explicitamente considerados como tais pelo Aquinate<sup>6</sup>.

Uma primeira incidência dá-se - e este fato é muito significativo - num *sed contra* da *Suma Teológica*<sup>7</sup>. No caso, Tomás pretende demonstrar - I-II, 48, 1 - que a ira causa prazer e, após três objeções, desfere o *proverbium*:

1. *Ira multo dulcior melle distillante in pectoribus vivorum crescit.*  
("A ira, muito mais doce do que o mel que vai se destilando, cresce no peito").

No *De Regimine Principum* (I, 10), discutindo as possíveis transformações que o poder provoca sobre quem passa a exercê-lo, Tomás registra o caso, nada raro, daqueles que, antes de serem elevados ao poder, eram (ou pareciam...) tão virtuosos e,

---

6. Para esta pesquisa valemo-nos do *Index Thomisticus* de Roberto Busa, Milano, Editoria Elettronica Editel, 1992, que apresenta a obra completa de Santo Tomás em hipertexto em CD-ROM. Não incluiremos, nesta nossa análise, sentenças bíblicas contidas em livros sapienciais e outros usos da palavra *proverbium* que não se aproximem do que hoje chamamos provérbios.

7. O *sed contra*, como se sabe, é um posto nobre na *Summa*, a citação de uma reconhecida autoridade (geralmente a Sagrada Escritura, um Padre da Igreja ou um pensador importante) usado, didaticamente, por S. Tomás como primeiro marco da tese que - após uma bateria de objeções levantadas - ele mesmo vai demonstrar no *corpus* do artigo.

uma vez empossados - *ad principatus culmen pervenientes* -, mostram-se corruptos. Numa palavra (expressão que evoca, aliás, o sentido de *pro-verbium*):

2. *Principatus virum ostendit.*  
("O poder mostra o que o homem é").

O *proverbium* também pode ser usado para a descrição de realidades físicas, como quando, discutindo a finitude e a continuidade do universo (*In libros physicorum* 3, 11, 5), Tomás recolhe o antigo provérbio:

3. *Sicut linum lino.*  
("Fio segue-se a fio na meada").

No *Comentário à Ética* (1, 2, 4), retoma o dito: "No sono, não diferem os felizes dos miseráveis":

4. *Felices non differunt a miseris secundum somnum.*

Retoma também o proverbial elogio da justiça (*Com. à Ética* 5, 2, 7): ela brilha mais do que as "estrelas" matutina e vespertina:

5. *Neque Hesperus, idest stella praeclarissima vespertina, neque Lucifer, idest stella praeclarissima matutina, ita fulgeat sicut iustitia.*

Sobre a justiça (legal) versam também duas formulações comuns, proverbiais (*Com. à Ética* 5, 2, 9): que ela, principalmente, é virtude perfeita e volta-se para o outro:

6. *Iustitia est virtus maxime perfecta.*

7. *Iustitia est ad alterum.*

Também no *Com. à Ética* (6, 8, 3), encontramos a prudente norma de que devemos deliberar com vagar e, uma vez tomada a decisão, então, sim, agir com rapidez. Norma registrada até *in proverbio*:

8. *Oportet ea quae sunt determinata in consilio velociter exequi, sed consiliari tarde.*

O incontinente, movido por sua compulsão, incorre no provérbio popular (*reus proverbii*): "Ele pode estar morrendo de tanto engasgar, mas tem que continuar bebendo".

9. *Si aqua suffocat, oportet adhuc bibere (Tabula Libri Ethicorum).*

Ou, na variante (*Com. à Ética* (7, 2, 16)):

*Quando aqua (...) suffocat bibentem quid adhuc valet ei bibere?*

A fama - "Crie a fama e deite na cama", dizemos nós, hoje -, quando muito estendida, é estável e duradoura: "De modo algum se perde a fama espalhada por muitos povos" (*Com. à Ética* 7, 13, 12):

10. *Non perditur omnino fama, quae apud multos populos divulgatur.*

Os conhecidos provérbios que prescrevem (ou, simplesmente, constataam...) a companhia dos semelhantes ("Cada qual com seu igual" ou "Cada ovelha com sua parêlha"), também se encontram no *Com. à Ética* (7, 13, 12):

11. *Simile vadit ad suum simile.*  
("Cada qual busca seu semelhante").

12. *Coloyus ad coloyum.*  
("Estorninho - ave gregária - com estorninho").

Na mesma passagem, Tomás recolhe também - fenômeno comum nos proverbiais - o provérbio contrário: "Oleiro atrapalha oleiro" (um prejudica o lucro do outro):

13. *Omnes figuli contrariantur sibiinvicem.*

O conhecido provérbio que afirma a necessidade de muito tempo de convívio para se conhecer realmente uma pessoa - "só depois de comer um saco de sal com ela" - encontra-se também no *Com. à Ética* (8, 3, 21):

14. *Non contingit quod aliqui seinvicem cognoscant antequam simul comedant mensuram salis.*

Sobre a amizade e a convivência, Tomás cita diversos provérbios no *Com. à Ética*: "Muitas amizades se desfazem por falta de convívio" (8, 5, 2), "Os amigos têm tudo em comum" (8, 9, 4).

15. *Multae amicitiae dissolvuntur per hoc: quod unus alium non appellat.*

16. *Ea quae sunt amicorum sunt communia.*

Esta última sentença é repetida numa série de provérbios (*Com. à Ética* 9, 8, 6) com fundo comum: o amor de si (o fato de que o homem ame principalmente a si próprio) como paradigma do amor ao próximo: "Dois amigos, uma alma", "A amizade é uma certa igualdade", "O amigo está para o amigo (tão unido) como o joelho para a tibia".

17. *Unam est anima duorum amicorum.*

18. *Amicitia est quaedam aequalitas.*

19. *Amicus se habet ad amicum sicut genu ad tibiam.*

A amizade é, de longe, o tema sobre o qual mais provérbios encontramos em Tomás.

Assim, ainda no *Com. à Ética* (9, 10, 3), o Aquinate refere-se ao provérbio da época dos pagãos que afirma não ser necessário o auxílio dos amigos para os bens que advém do favor dos deuses:

20. *Cum daemon aliquid boni dat, non est opus amicis.*

Mas é das boas amizades que, geralmente, procedem os bens e a melhora pessoal nas virtudes (*Com. à Ética* 9, 14, 8):

21. (*Unde in proverbio dicitur quod*) *Bona homo sumit a bonis.*  
("Os bens vêm dos bons").

"Nem tanto ao mar, nem tanto à terra", dizemos hoje. Tomás (*Com. à Ética* 9, 12, 1), falando de que não devemos nem nos privar totalmente das amizades nem ter demasiados amigos, recorre ao provérbio da viagem, da peregrinação, do sair: não ser nem dos que não param num lugar, nem dos que não saem de casa.

22. *Non vocer multum peregrinus, neque non peregrinus.*

Pouco depois (9, 12, 10), outro *proverbium* retoma o tema da inconveniência de um número excessivo de amizades ("para um dueto bastam dois"):

23. *Hymnizare in duobus.*

Não devemos aborrecer os amigos, fazendo-os participar de nossos desgostos:

24. *Sufficienter ego infortunians* (*Com. à Ética* 9, 13, 14).  
("Desafortunado basta eu").

Uma outra versão do já citado provérbio "Muitas amizades se dissolvem por falta de trato":

25. *Multas amicitias non appellatio dissoluit* (*Tabula Libri Ethicorum*).

Para explicar o fato de que há artes mais nobres que outras, embora todas sejam artes, Tomás (*Sententia Libri Politicorum* 1, 5, 4) recorre aos provérbios: "Nem todos os servos são iguais" ("Há servos e servos") e "Nem todos os senhores são iguais: uns são melhores do que outros":

26. *Non omnes servi sunt aequales.*

27. *Servus praefertur servo, sicut dominus domino.*

Para referir-se a algo impossível ou desconcertado ("círculo quadrado" ou "carro na frente dos bois", diríamos hoje), corria a expressão proverbial (*In libros metereologicorum* 2, 3, 4):

28. *Sursum fluviorum.*

("Rio acima da nascente").

No mesmo *In meter.* (1, 3, 12), recolhe-se o antigo provérbio popular: "Os poetas mentem em muitas coisas":

29. *Poetae in multis mentiuntur.*

Só se progride para o que é melhor (*Met.* 1,3,16), "Para a frente é que se anda":

30. *Semper proficere est in melius.*

É na privacidade de sua casa e não no portão (à vista de todos) que o homem comete seus erros (*In libros Metaphysicorum* 2, 1, 5):

31. *In foribus quis delinquet?*

Em *In Is.* 2, encontramos a expressão, ainda hoje popular, "pôr a mão no fogo":

32. *In flammam mitto manum.*

Além dos citados - que são os que Tomás expressamente qualifica de provérbios -, há na obra do Aquinate muitos outros provérbios populares ou literários <sup>8</sup>.

Assim, a tradicional sentença "*Una hirundo ver non facit*", "Uma andorinha só não faz verão (ou melhor, primavera)" é por ele aplicada em diversas instâncias: para distinguir o ato do hábito, a "felicidade" efêmera da felicidade duradoura (como ocorre em I-II, 51, 3, *sed contra*) ou para explicar que a Igreja não faz leis para casos raros (como, por exemplo, em *In Lucam* 3, 8).

Da literatura antiga, o Aquinate toma formulações de formato proverbial, como p. ex.:

"*Legere et non intelligere, negligere est*"

("Ler e não entender é negligenciar" – (atrib.) Catão cit. in *In IV Sent.* 24, 1, 3, 3).

Ou estas outras:

"*Veritas odium parit*" ("A verdade gera o ódio") e

"Quem diz as verdades, perde as amizades" - Terêncio cit. in *Q. D. de Virtutibus* 3, 1, 19.

O apreço de Tomás pelos provérbios é, como dizíamos, muito natural. Afinal, ele mesmo não deixa de citar também o famoso provérbio terenciano: "*Homo sum, nihil a me humani alienum puto*" ("Sou homem e tudo o que é humano me diz respeito" cit. in *Sermones* 6,3).

Recebido para publicação em 21-08-14; aceito em 22-09-14

---

8. Há, também, naturalmente, adágios filosóficos como, por exemplo, "*Nihil est in intellectu quod non sit prius in sensu*" (*De veritate* 2, 3, 19) e bíblicos como a sentença de Prov 22:6 que afirma que os caminhos da velhice são os que se seguem quando jovem: "*Adolescens juxta viam suam, et cum senuerit non recedat ab ea*" (*In Hieremiam* 13, 2).